

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Kambiawá 09

Data: 28/04/92 Pg.: _____

Paciência kambiawás está por um triz

Tribo acha que postura pacífica foi confundida com passividade e ameaça até guerrear para reaver terras

Roziane Fernandes

Durante muitos anos os índios da tribo kambiawá, que vivem numa região entre os municípios de Inajá e Ibirimir denominada Baixa da Índia Alexandra, assumiram uma posição de não-confronto quando o interesse de fazendeiros e posseiros por suas terras anunciavam derramamento de sangue. Essa opção vinha se repetindo sistematicamente desde o século passado, época em que habitavam a Serra Negra (Floresta) e quando as primeiras perseguições do branco desencadearam a dispersão do povo pelo alto Sertão. Agora, as novas gerações dos kambiawás querem mudar essa postura pacífica — sempre confundida com passividade. Partindo para a prática, intencionam recuperar as terras usurpadas mesmo que isso signifique luta.

Para os índios de Ibirimir, paciência tem limite. Fugiram da fúria dos coronéis sertanejos, que matavam e escravizavam kambiawás, rumo à área ocupada por eles até hoje. No caminho, porém, ainda resistiram, na década de 20, à polícia volante que perseguia Lampião e seus homens. Acusados de acolherem em suas aldeias os cangaceiros, os kambiawás foram mais uma vez expulsos de suas terras. Reencontrados novamente apenas nos anos 50 numa região de nome Lagoa de Feliciano — próxima de onde vivem agora —, os índios só tiveram um contato formal com a Funai há 21 anos, quando foram aldeados.

De boca em boca

— Todas essas histórias são sempre recontadas aos pequenos kambiawás pelo pajé da tribo, Gilberto Aristides da Silva, 52 anos de idade, que tem como obrigação, perpetuar as histórias dos mais antigos na memória dos mais jovens. Gilberto Aristides foi contemporâneo de um dos tantos casos de usurpação de terras indígenas. "Mas isso acontecia porque a gente era uma raça burra e inocente", brinca.

O pajé não lembra bem em que período o fato aconteceu mas não esquece os prejuízos que kambiawás tiveram por haver confiado na palavra de brancos no passado. "Um juiz de Direito, com

a ajuda de Clóvis Gomes de Afonso, tabelião do cartório de Inajá, armou um esquema que culminou na venda irregular das nossas terras", acusa o pajé. De acordo com ele, diversos fazendeiros soltaram o gado em terras kambiawás o que provocou a destruição de toda a plantação indígena. "Vicram depois com um papel pedindo que a gente assinasse para que ele dessem uma ajuda alimentar a título de indenização", conta. Na verdade, segundo Gilberto Aristides, a transação envolvia a venda das parcelas e muitos índios não conseguiram recuperar os terrenos.

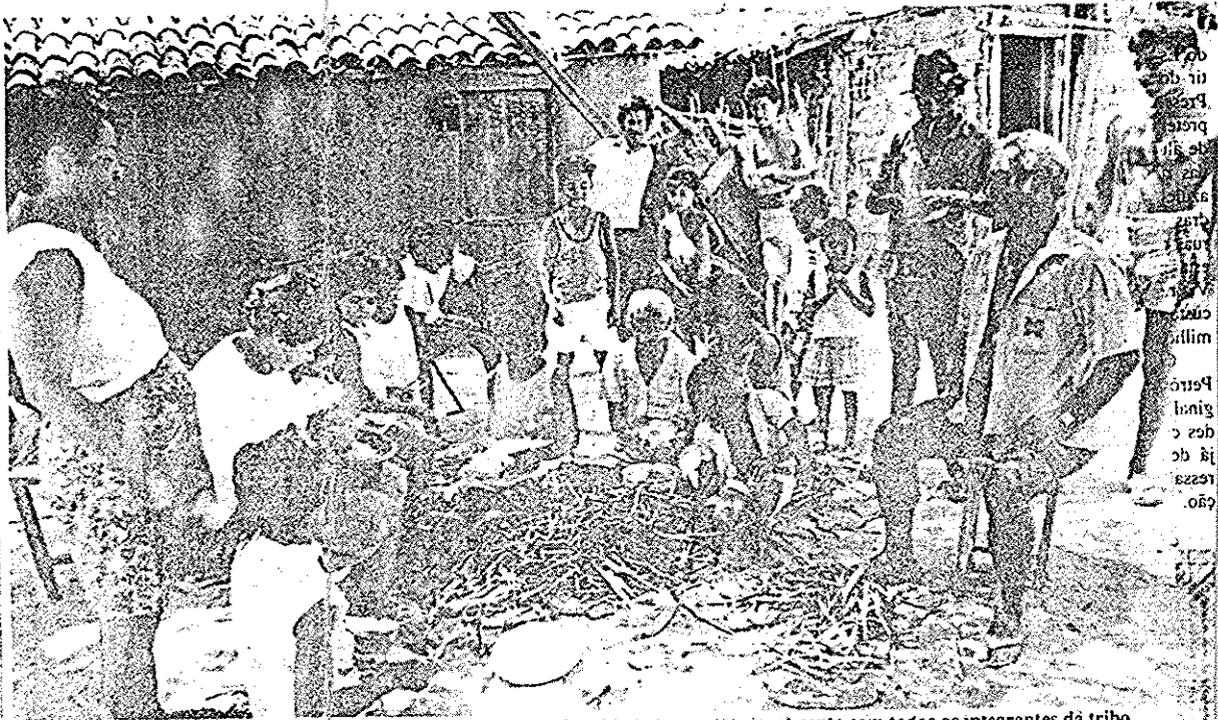
Como nas demais tribos indígenas pernambucanas, a demarcação das terras dos kambiawás ainda não foi concluída. Em 1978, a Funai realizou a primeira tentativa de delimitação mas o processo foi contestado pelos índios e considerado sem validade — os kambiawás reivindicavam 40 hectares. Hoje,

vivem dentro de uma área de 16.095 hectares com mais de 50 posseiros, segundo levantamento feito no ano passado por lideranças da tribo. Questões envolvendo posseiros e kambiawás são muitas. A mais recente — e acreditam os mais jovens não foi a última — aconteceu há um ano, envolvendo terrenos da Fazenda Terra Rica (dentro da área indígena), índios e mais de 40 posseiros. "Derrubamos as cercas porque

Durante muito tempo a tribo Kambiawá evitou confronto com invasores para que não houvesse banho de sangue.

não tínhamos opção", disse o cacique kambiawá, Pedro Joaquim da Silva. Conter os índios — Como acredita o cacique, a Funai terá que se posicionar, em curto prazo de tempo, quanto aos problemas de terra da tribo por uma questão de segurança. "A gente poderia entrar na briga e tomar as terras na marra, mas não vamos fazer isso porque existe o Governo para resolver a questão de forma pacífica". A demora da burocracia estatal, entretanto, acentua o clima de animosidade entre os jovens kambiawás. "Eu mesmo tenho tentado segurar os índios, mas chega uma hora que a gente não consegue. Isso está prestes a acontecer", adverte o cacique.

Os kambiawás somam em torno dos dois mil índios. O desejo pela preservação das terras é bem compreendido quando se verifica que os melhores terrenos estão nas mãos de posseiros. Os índios, com dificuldade, cultivam milho, feijão e mandioca para subsistência das famílias. A escassez de água é agravante. Um poço artesiana-



O tempo é de vacas magras. Por isso, tudo que é colhido entre os kambiawás é repartido igualmente com todos os integrantes da tribo

no, conseguido depois de muita reivindicação, só tem capacidade de abastecer os kambiawás para o consumo doméstico. "Mas, como somos bichos teimosos, brincamos até com a nossa sorte e vamos vivendo com essas chuvinhas que chegam aqui", diz Joaquim Elias do Nascimento, pai do cacique Kambiawá.

A terra de onde os índios retiram o alimento supre as necessidades da tribo é pobre, árida e infestada de formigas. Há um ano, a Funai, segundo o cacique, não distribui sementes e inseticida capaz de combater as pragas. Por isso utilizam uma agricultura rudimentar, não contando com muitos recursos para um melhor aproveitamento da área cultivada. As últimas ferramentas enviadas pela Funai chegaram em 1982 e, desde então, sobrevivem como podem. Falta de alimentos — Para o pajé Gilberto Aristides, kambiawá significa "caminhar em cima dos rastros dos antigos". Essa tarefa vem se tornando difícil pela ampliação da miséria em tor-

no deles. Sem ajuda do Governo para a plantação das culturas, eles deixam de se vestir, comer melhor ou cuidar de suas moradias para adquirir sementes por conta própria. "Quando a situação é danada, recorremos aos paus do mato e bichos para comer", não esconde Joaquim Elias. A nação kambiawá, que um dia foi dona de uma vasta área entre o rio Moxotó e a Serra Negra, em Floresta, sente fome. "Mas nunca pensamos em deixar a nossa terra porque para onde iríamos? Para as cidades dos brancos? Somos índios e, até a morte, sabemos que esse é o nosso destino", profetiza Joaquim Elias.